



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PERSPECTIVAS FEMINISTAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS/QUÍMICA: RESISTÊNCIA E ROMPIMENTO AO MODELO SOCIOECONÔMICO

Gustavo Augusto Assis Faustino - Universidade Federal de Goiás (UFG)
Keythy Ravena Batista Nascimento - Universidade Federal de Goiás (UFG)
Camilla Ferreira Alves - Universidade Federal de Goiás (UFG)
Itallo Junior Chaves dos Santos - Universidade Federal de Goiás (UFG)
Claudio Roberto Machado Benite - Universidade Federal de Goiás (UFG)
Anna Maria Canavarro Benite - Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

A interseção entre gênero e raça para essas mulheres negras são fatores determinantes, uma vez que o racismo e sexismo sofridos por elas dificultam quaisquer mobilidades sociais. Com elementos de uma pesquisa participante, esse trabalho tem o objetivo de analisar e caracterizar o processo formativo de professores/as de Ciências em formação continuada, no tocante as reflexões sobre raça, gênero e classe no modelo capitalista. Nossos resultados demonstram que os/as professores/as de Ciências em formação buscaram discutir de forma crítica as vivências femininas de forma a enfatizar as resistências feita por elas. Além disso, nossos resultados indicam que uma formação que integre a diversidade de gênero e raça como conhecimento pedagógico na formação professores/as de Ciências/Química, possibilita formas de romper com estruturas opressivas presente no ambiente escolar.

Palavras-chave: Formação docente, Gênero, Feminismo negro.

INTRODUÇÃO

O capitalismo é a estrutura da sociedade atual e, uma vez estabelecido como modelo econômico, passou a transformar diversas áreas da sociedade para se adequar aos seus pressupostos de máximo lucro e menor custo de produção (Grespan, 2021). Para isso, é necessário um modelo científico focado na construção de tecnologias comercializáveis e cientistas dedicados/as ao progresso, além de uma sociedade com uma divisão clara do trabalho e do poder, permitindo que apenas um grupo seletivo tenha sucesso nesse sistema. Gênero, raça e classe são ferramentas utilizadas para definir os vencedores nesse sistema de segregação (Davis, 2016; Schiebinger, 2001).

Criar espaços para debater as consequências do capitalismo e explorar possíveis formas de resistência é de suma importância. A escola, dentro do sistema capitalista, muitas vezes reproduz os interesses do capital e da classe dominante. Transformar a escola em um local de resistência é essencial, mas para isso é fundamental atuar na formação docente. Guarany e Cardoso (2022), ao analisarem pesquisas sobre gênero e sexualidade na formação de professores/as, concluem que, apesar do aumento no número de estudos, ainda existem

várias lacunas a serem preenchidas. Neste estudo, que se caracteriza como um estado da arte, observa-se que, entre as publicações no período de 1998 a 2018, é necessário prestar atenção ao reforço de ações pontuais que reafirmam padrões de gênero e sexualidade.

Por sua vez, o currículo é uma parte fundamental do processo educativo, frequentemente reproduzindo o pensamento hegemônico nas escolas, uma vez que a sociedade capitalista está impregnada de racismo e sexismo. Assim, a escola reflete as ações da sociedade (Silva, 2016). Para Santos, Araújo e Araújo (2021), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge como uma forma de controlar a elaboração dos currículos, tornando-se um campo de disputa, com privilégio dado a apenas um tipo de conteúdo. Com a predominância de currículos hegemônicos, torna-se essencial ampliar a discussão sobre raça, gênero e classe na formação de professores/as, pois são eles/as que possibilitam que essas discussões cheguem à sala de aula (Benite et al., 2024).

Assumidos tais pressupostos, desenvolvemos uma pesquisa no âmbito de uma disciplina, intitulada “Diversidade e inovação: sobre gênero e raça nas Ciências”, que foi ministrada em um Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). O objetivo desse trabalho foi examinar, compreender e caracterizar o processo de formação dos/as pós-graduandos/as na elaboração de uma das atividades da disciplina (o seminário), especialmente no que diz respeito aos conhecimentos e reflexões envolvidos na abordagem das questões de gênero, modelo socioeconômico, raça e suas implicações na sociedade e no ambiente escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho possui elementos de uma pesquisa participante, uma vez que convida os/as sujeitos de pesquisa pertencentes da comunidade acadêmica à reflexão e análise de sua história de maneira crítica, com o intuito de promover ações coletivas em prol da comunidade escolar. Seu objetivo principal é fomentar o desenvolvimento da visão crítica e a formação de professores/as. Assim, configura-se como uma atividade educativa voltada para a formação cidadã e para a promoção de ações sociais (Demo, 2004). A forma como a disciplina foi esquematizada está resumida no quadro 01.

Quadro 01 - Esquematização da disciplina.

Disciplina, natureza e carga horária	Diversidade e inovação: sobre gênero e raça nas Ciências	Optativa	64horas/semestrais
Duração e Formato	A disciplina estava prevista para ser ministrada no segundo semestre do ano letivo de 2020, mas em detrimento da pandemia da Covid-19, a disciplina ocorreu ao longo do primeiro semestre do ano de 2021. Aulas remotas através da plataforma <i>Google Meet</i> .		
Participantes da pesquisa	Uma professora formadora (PQ), um professor em formação continuada - aluno de mestrado (PF01), uma aluna de iniciação científica (IC01) e 17 alunos/as de uma disciplina optativa (identificados como A1, A2, A3 ... A17) formados/as nos seguintes cursos (bacharelado e licenciatura): 10 em Química, 03 em Ciências Biológicas, 02 em Pedagogia, 01 em Física e 01 em Matemática.		

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as, 2024.

É importante destacar que no início da disciplina, foi fornecido aos/às participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que pudessem assiná-lo, concordando com sua participação nas atividades da disciplina/pesquisa ao longo do semestre. O propósito da disciplina era abranger a formação de professores/as de Ciências e Matemática, discussões sobre questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Para isso no decorrer da disciplina foram propostas atividades formativas avaliativas, uma dessas atividades consistia na apresentação do texto principal de cada aula por grupos pequenos, que deveriam discutir a partir da sua área de formação. A escolha dos membros de cada grupo se deu de forma livre. Nesse trabalho foram analisados os dados obtidos da intervenção pedagógica (IP) na apresentação do texto intitulado “O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva” da autora Silvia Federici e foi desenvolvida por A1 e A17.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro 2, extrato 01 são apresentados aspectos relacionados às questões, tais como, as perspectivas feministas, o trabalho reprodutivo, o trabalho doméstico, as formas de resistências femininas e suas interações com diferentes aspectos da sociedade foram discutidos. Por questões de espaço, optamos por destacar alguns trechos com os turnos (T), identificação (ID) e os discursos para, em seguida, apresentar a análise.

Quadro 02 - Extrato 01: Possibilidade do rompimento do modelo socioeconômico pelo bem comum ligado ao feminismo.

T	ID	Discurso
52	A1	No tópico seguinte as mulheres e os comuns ela vai tentar trazer a perspectiva feminista de uma maneira mais explícita.
53	A17	A maioria do que ela fala agora é exemplos que ela dá, tipo mulheres que criaram regimes monetários para emprestar dinheiro para aqueles que não tinham acesso ao banco. Então ela mostrar várias estratégias de resistência a gente poderia pensar assim. E aí é aquilo que eu tinha falado ela traz mulheres no Peru, mulheres indígenas, traz as mulheres na África para tentar mostrar como tem maneiras diferentes de viver as relações sabe, e que as mulheres estão sempre à frente dessas revoluções.
54	A1	Ela mostra também que foram essas mulheres que lideraram os esforços para coletivizar e se protegerem mutuamente principalmente contra a violência, a pobreza, a violência estatal e a violência individual exercida pelos homens.

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as, 2024.

O extrato 01 segue abordando os trechos da exposição do texto de Silva Federici (2014), feita por **A1** e **A17** à turma. Nesse extrato, **A1** e **A17** discutem sobre as diversas formas de resistência e possibilidade de rompimento com o modelo socioeconômico a partir das críticas trazidas no apresentado, questionando as vivências e abrangendo para diferenças comunidades como forma de possibilidade de exaltar as vivências de mulheres, o trabalho reprodutivo, o coletivo como forma de resistência no sistema capitalista.

No **T.52**, **A1** destaca as perspectivas feministas apresentadas em um dos tópicos do texto sobre os bens comuns e discute como as mulheres têm historicamente resistido à sua mercantilização. A partir do que foi trazido por **A1** seria importante destacar as histórias das mulheres que lutaram e ainda lutam para coletivizar os bens comuns e resistir às diversas opressões. Segundo Nalu Faria (2019), as práticas de luta das mulheres têm se mostrado, na verdade, uma importante ferramenta para a sustentabilidade da vida e o aprofundamento de laços comunitários.

Ao dar continuidade no **T.53**, **A17** traz exemplos de diversos grupos de mulheres que fizeram diferentes formas de resistência em diversos países, destacando os países que sofreram pelo imperialismo europeu. Nesse contexto, torna-se importante e urgente que os/as professores/as destaquem as histórias como, por exemplo, de Acotirene dos Palmares - uma importante matriarca do Quilombo do Palmares no século XVI - que orientava, aconselhava e guiava a população negra no desenvolvimento das primeiras atividades de resistência a escravização (Cisne e Ianael, 2022). Tia Ciata como era conhecida Hilaria Batista Almeida, tinha sua casa como resistência musical e cultural a marginalização contra o negro no período pós-abolição na cidade do Rio de Janeiro, mantendo a cultura do samba viva (Sodré, 1998). Assim como, na atualidade, Marielle Franco, ex-vereadora na cidade do Rio de Janeiro, que

foi assassinada na luta contra as opressões de seu povo (Seixas, 2021). Dessa forma, é preciso trazer exemplos como dessas mulheres para a aula de Ciências/Químicas, uma vez que há uma invisibilização das lutas e da importância das resistências na reprodução e existência da população negra.

Já no **T.54, A1** demonstra que apesar de todas as violências sofridas pelas mulheres existe um esforço coletivo para resistir e se proteger diante disso. Dessa forma, destaca-se que as mulheres negras são sobreviventes, visto que as opressões que nelas operam vêm através da intersecção de gênero, classe e raça (COLLINS, 2020). A partir do que foi trazido por **A1**, podemos enfatizar que a luta das mulheres negras se dá de diversas formas, um exemplo é pela via religiosa nas religiões de matrizes africanas sendo líderes e mantendo a cultura e segurança da comunidade local. Outras formas são as lutas diárias pela garantia da sua existência que conforme Gonzalez (2020, p. 55) “apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder”. Portanto, na formação de professores/as de Ciências, é importante ressaltar as diferentes formas de resistências de mulheres negras, como forma de combater uma história única sobre o povo negro, especificamente para as mulheres negras, e como consequência fortalecer a luta contra o sexismo, racismo e capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados na IP acima, demonstram que discutir a partir das perspectivas feministas sobre o capitalismo pode romper com a neutralidade apresentada pela ciência e escancarar as entranhas do capitalismo, ressaltando a importância de ter, na formação de professores/as de Ciências/Química, a abordagem de raça, gênero e classe para que os conceitos basilares presentes na formação dos/as professores/as não sejam ensinados desvinculados da realidade dos/as estudantes.

REFERÊNCIAS

- BENITE, A. M. C.; FAUSTINO, G. A. A.; CAMARGO, M. J. R.; VARGAS, R. N. **Manual de educação antirracista**: proposta para o currículo de química. Ijuí: Editora Unijuí, 2024. 346p.
- CISNE, Mirla.; IANAEL, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 02, p. 191-201, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livros, 2004.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

- FARIA, Nalu. Desafios feministas frente à ofensiva neoliberal. In: MORENO, Renata.; ZELIC, Helena (Orgs.). **Feminismo em resistência**: crítica ao capitalismo neoliberal. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2019. p.13-40.
- FEDERICI, S. O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva. In: MORENO, Renata (Org.). **Feminismo, economia e política**: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2014. p.145-158.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio de Janeiro : Schwarcz, 2020.
- GRESPLAN, Jorge. **Marx**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GUARANY, A. L. A.; CARDOSO, L. de R. Formação de professores, gênero e sexualidade na produção acadêmica brasileira. **Acta Scientiarum**, v. 44, p. 01-13, 2022.
- SANTOS, A. R. de J.; ARAÚJO, A. L. de.; ARAÚJO, J. F. de. Política curricular de formação de professores/as da educação infantil e do ensino fundamental: uma análise crítica da BNC das Licenciaturas. **Cadernos Cajuína**, v. 06, n. 04, p. 229-251, 2021.
- SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001. 384 p.
- SEIXAS, Aimée. Adentrando o lugar público: mulheres negras na luta pelos espaços. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 02, p. 512-529, 2022.
- SILVA, L. L. G. da. **Descolonizar o corpo, reinventar o currículo**: memórias de luta e resistência. 2016. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, 2016
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.